

LINGUASAGEM

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ÁREA DE REVISÃO E EDIÇÃO DE TEXTOS¹

Entrevista com Luciana Salazar Salgado²

RESUMO

Nessa entrevista, a professora Luciana Salazar Salgado aborda as questões de linguagem implicadas nas atividades de revisão e edição de textos, explorando sua trajetória profissional, sua inserção na área e o tensionamento de aspectos práticos da edição com questões teóricas complexas próprias dos estudos linguísticos acerca da produção e circulação dos textos em nossa sociedade. Um dos temas centrais levantados na entrevista é a importância de se considerar a linguagem como um fenômeno dinâmico e social, moldado por diferentes contextos e atores. A pesquisadora trata, ainda, da falta de clareza na distinção entre revisor e redator no mercado editorial e da complexidade dos processos editoriais, ao que argumenta que a Análise do Discurso (AD) contribui para a desmistificação de alguns desses aspectos, especialmente no esclarecimento de que essa atividade de edição/revisão ultrapassa a mera correção gramatical.

PALAVRAS-CHAVE: Ritos Genéticos Editoriais; Edição; Revisão de Textos; Mercado Editorial.

¹ Entrevista concedida no dia 03 de fevereiro de 2023, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição, retextualização e revisão desta entrevista foi composta por Emanuely Valentim de Camargo, Isabela Herrera Marques, Nicoli Ferrari Dias, Raul Yudi Mendes Yamada, Rodrigo Zanin, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Professora no Departamento de Letras da UFSCar. É graduada em Letras (Francês e Português) pela FFLCH/USP (1992), licenciada em Língua Portuguesa pela FE/USP (1994), tem especialização em Comunicação de Marketing pela ESPM/SP (1995), é mestre em Educação (área de concentração: Ciência e Linguagem) pela FE/USP (1998) e doutora em Linguística (área de concentração: Análise do Discurso) pelo IEL/Unicamp (2007). Em seu segundo pós-doutoramento (2017-2019) trabalhou no Fundo Milton Santos, no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB/USP; no pós-doutoramento desenvolvido no Departamento de Linguística da FFLCH/USP (2008 e 2010), estudou as políticas federais de formação de neoleitores. Trabalhou com projetos de editoria no núcleo técnico Confraria de Textos (1999-2010) e tem experiência em edição de textos, com ênfase em projetos coletivos e assessoria para coleções, tanto nas atividades executivas quanto nas de pesquisa e análise. Atualmente estuda mediação editorial, materialidades da cultura e hiperdigitalidade, com atividades ligadas ao LABEPPE - laboratório de escritas profissionais e processos de edição (CEFET-MG, UFSCar), que abriga, sob sua coordenação junto com Prof. Dr. José Muniz Jr., o Grupo de Pesquisa Comunica - inscrições linguísticas na comunicação (UFSCar/CEFET-MG, CNPq). Participa do Observatório da Literatura Digital Brasileira (UFSCar, CNPq) e é membro do Instituto de Pesquisa FEeTA: fórmulas e estereótipos, teoria e análise (IEL, Unicamp). Na UFSCar, atua nos Programas de Pós-graduação em Linguística e em Estudos de Literatura; no IEB/USP, atua no Programa Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras. Participa, desde 2020 da coordenação do GT ANPOLL *Discurso, trabalho e ética* (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: lucianasalazar@ufscar.br.

ABSTRACT

In this interview, Professor Luciana Salazar Salgado addresses the language issues involved in text revision and editing activities, exploring her professional trajectory, her entry into the field, and the tension between practical aspects of editing and the complex theoretical issues inherent to linguistic studies concerning the production and circulation of texts in our society. One of the central themes raised in the interview is the importance of considering language as a dynamic and social phenomenon, shaped by different contexts and actors. The researcher also discusses the lack of clarity in distinguishing between reviser and writer in the publishing market and the complexity of editorial processes. She argues that Discourse Analysis (DA) contributes to demystifying some of these aspects, particularly by clarifying that editing/revision activities go beyond mere grammatical correction.

KEYWORDS: Editorial Genetic Rites; Publishing; Revision; Publishing Market.

A formação em linguística e a atuação no mercado editorial

Entrevistadores(as): A professora é reconhecida por suas pesquisas na área de revisão e edição de textos de cujas produções destacamos *Quem mexeu no meu texto?* (2017). Gostaríamos de iniciar essa entrevista ouvindo-a sobre sua formação em Linguística e o que a levou à especialização na área de revisão de textos e de processos editoriais?

Luciana Salazar: Gostaria de registrar que eu não escolhi a Linguística. Fui escolhida por ela. Essa história é bastante extensa e detalhada, por isso vou apresentar uma versão mais concisa. Minha trajetória como pesquisadora nessa área foi ocorrendo de maneira natural, e considero importante ressaltar esse aspecto.

A Linguística entrou em minha vida não durante minha formação de graduação, mas posteriormente. Graduei-me em Letras com habilitação em Francês e Português pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), em 1992. Posteriormente, realizei um mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP), em (1998). Minha vida profissional foi bastante diversificada: trabalhei no *Sistema S*³, em escolas públicas e particulares, e prestei consultorias para diferentes tipos de instituições.

³ O Sistema S é definido como um conjunto de organizações das entidades corporativas dedicadas ao treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica. Essas organizações, que têm seus nomes iniciados com a letra S, compartilham raízes comuns e características organizacionais semelhantes. Fazem parte do Sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Além desses, existem também: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest).

Em 1999, fundei uma empresa com dois colegas que conheci na universidade, chamada *Confraria de Texto*, que presta assessoria editorial e outros serviços relacionados a textos. Oferecíamos três principais serviços: o *Escritório da Linguagem*, que fornecia toda a assessoria necessária para que um texto ganhasse vida pública, abrangendo o tratamento editorial; um curso *online* chamado *Língua Solta*, que foi lançado numa época em que cursos *online* ainda eram raros devido à falta de banda larga doméstica; e o sarau *Fruta do Lácio*, que realizávamos em locais como o SESC e o SESI, além de em algumas escolas.

Diferenciação de funções no mercado editorial

Luciana Salazar: Minha experiência com o *Escritório da Linguagem* revelou problemas significativos relacionados às contratações de trabalhos. Questões como determinar o valor a ser cobrado, explicar para o cliente o que exatamente seria feito no texto, e estimar o tempo necessário para realizar o trabalho eram constantes desafios. A elaboração de orçamentos na empresa envolvia muitas discussões e reflexões, pois muitas vezes os próprios contratantes não compreendiam plenamente o serviço de revisão de textos.

Esse contexto de desafios diários e a necessidade de clareza sobre os serviços prestados me motivaram a buscar mais conhecimento. Decidi, então, fazer um doutorado, mesmo sem ter a intenção inicial de seguir uma carreira acadêmica *stricto sensu*. Percebi que o termo *revisão de texto* englobava uma vasta gama de tarefas que nem sempre estavam relacionadas apenas à revisão em si, mas também a outras formas de tratamento textual.

Após consultar diversos professores da Universidade de São Paulo, fui orientada a procurar a Escola de Comunicações e Artes (ECA). Lá, um professor me indicou a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) como um lugar onde poderia encontrar respostas para minhas questões. Na Unicamp, participei de uma disciplina como aluna especial com a professora Ingedore Villaça Koch, uma figura de grande importância da Linguística no Brasil. Esse contato foi fundamental para entender melhor o campo e suas possibilidades.

Passei pelo processo seletivo do doutorado na Unicamp, sem, de início, conhecer um professor cujos interesses de pesquisa se relacionassem com a minha temática. A instituição reconheceu o problema da revisão de textos como uma questão Linguística relevante. Para me preparar, realizei muitas disciplinas além do exigido, pois senti a

necessidade de aprofundar meus estudos na área, da qual eu dispunha de conhecimento básico obtido durante minha graduação. Nesse percurso, conheci o professor que me acolheu como orientanda, o analista do discurso Sírio Possenti, que sempre estudou autoria (embora seja famoso por estudar humor). Naquela altura, ele estava especialmente interessado nos processos de constituição de materiais autorais. Viu, na minha proposta de investigação, um caminho de reflexão conjunta. Tive, então, a boa sorte de trabalhar com ele, meu mestre querido, hoje também um colega de muitas colaborações.

Dessa forma, tornei-me uma linguista durante meu Doutorado, encontrando nessa área a possibilidade de explicar e entender meu trabalho como revisora de textos. Minha trajetória na Linguística foi, portanto, uma busca contínua por compreensão e clareza, tanto pessoal quanto profissionalmente.

Processos editoriais e ritos genéticos

Entrevistadores(as): Ao se referir ao processo de edição de livros, artigos e outros materiais nas editoras, a professora emprega o termo *ritos genéticos* conforme definido por Maingueneau (2008). Há diferenças significativas nos processos de edição de revistas científicas, livros infantis e publicações do cotidiano? Ou esses processos editoriais apresentam mais semelhanças do que diferenças, por seguirem *ritos genéticos* em comum?

Luciana Salazar: É importante notar que os processos editoriais não são uniformes. Editar um livro infantil, por exemplo, envolve considerações muito específicas, como o uso de imagens e o cumprimento de legislações que regulam o conteúdo apropriado para crianças. Em contraste, a edição de material de comunicação científica abrange uma gama diversificada de formatos e plataformas, especialmente após a pandemia de 2020, que introduziu novas dinâmicas como a utilização de redes sociais, vídeos no *YouTube* e a necessidade de criar conteúdos específicos para congressos científicos, incluindo vídeos com especificações técnicas detalhadas.

Portanto, o primeiro aspecto a ser considerado é o de que cada tipo de texto, conforme seu regime de genericidade, apresenta exigências muito específicas. Isso afeta seus modos de inscrição determinados pela materialidade com que ganha existência e passa a circular, seja a de um livro infantil cheio de imagens, seja a de um vídeo vertical para uma plataforma de congresso. Além disso, a questão da língua em uso também varia

significativamente entre os diferentes gêneros textuais. Isso é particularmente interessante no campo da revisão, no qual, revisores se especializam em certos tipos de texto ao longo de suas carreiras.

Este é o caso, por exemplo, de um revisor que se especializa em textos jurídicos. As especificidades desses textos são muito diferentes daquelas encontradas na edição de artigos científicos que, por sua vez, variam conforme a área de estudo e as exigências de cada revista. Na nossa área, raramente encontramos revistas que aceitam artigos com múltiplos autores, enquanto em outras áreas, como nas engenharias e nas ciências da saúde, é comum ver artigos com vários autores.

Quando se trata de dar tratamento editorial a um texto, é essencial perguntar: Que tipo de texto é este? Para quem ele é destinado? E como ele circulará? Essas questões determinam processos específicos e repletos de particularidades. Embora haja alguns elementos que se repetem, como a necessidade de papel e tinta na produção de livros impressos, os processos nunca são idênticos, variando em complexidade e duração conforme o tipo de texto em questão.

Além disso, textos traduzidos, por exemplo, passam por um processo de revisão de tradução antes da revisão final do texto, adicionando outra camada de complexidade. Em suma, existem muitas singularidades e idiossincrasias nos processos editoriais, que vão muito além da aplicação de protocolos padronizados. A revisão de textos é um trabalho criativo que requer muitas decisões e interações com a equipe e os autores.

Em meu livro *Ritos Genéticos Editoriais: autoria e textualização*, que resulta da minha tese de Doutorado, apresento uma perspectiva discursiva sobre o tratamento de textos, organizada a partir da ideia fundamental de Maingueneau (2008) acerca dos ritos genéticos e três outras ideias deles decorrentes: a ideia da língua como código linguageiro, ou seja, opaco em sua autonomia relativa; a ideia dos regimes de genericidade como balizadores do funcionamento dos sentidos num texto, frutos dos pactos sociais sobre como redigir e distribuir este ou aquele tipo de texto; e a ideia de *ethos* discursivo, que considera aspectos sensíveis como tom e imaginários mobilizados em todo projeto de dizer.

O autor define ritos genéticos como uma série de comportamentos e práticas que acompanham o material linguístico em seu contexto de produção. Esses ritos incluem desde hábitos de escrita do autor até as etapas de revisão e preparação para publicação assumida por diferentes atores. Ao aplicar essa ideia ao campo editorial, considero os processos que ocorrem não apenas dentro das editoras tradicionais, mas em qualquer

ambiente onde textos são preparados para uma vida pública. Por exemplo, profissionais de comunicação interna em hospitais, como no caso do Hospital Albert Einstein, produzem textos para circulação interna e externa, seguindo processos editoriais específicos. Assim, os ritos genéticos editoriais variam conforme os gêneros textuais, as instituições envolvidas e os contextos de produção.

Busco mostrar como uma perspectiva discursiva pode ajudar a compreender esses processos, enfatizando que a revisão de textos envolve decisões criativas e é influenciada pelo *ethos* discursivo do autor. A questão não é quanto o revisor mexe no texto, mas sim como ele preserva os traços que o autor reconhece como seus.

Linguística aplicada à edição

Entrevistadores(as): Em seu livro, você menciona que o mercado editorial muitas vezes não distingue claramente as funções de revisor e redator, entre outras. Observa, ainda, que a atuação nessas áreas do processo editorial não dispõe de fronteiras bem determinadas quanto ao que é de responsabilidade de um profissional e de outro. Em que medida essa indeterminação pode afetar a produção e a qualidade dos textos derivados dessa série de processos e procedimentos, realizados por diferentes atores?

Luciana Salazar: Essa pergunta levanta questões cruciais sobre a distinção e a inter-relação entre as funções de revisor e redator no processo editorial. Permitam-me explorar essa questão com mais profundidade, destacando as complexidades e os desafios enfrentados no campo da Linguística aplicada à edição.

Para iniciar, gostaria de mencionar um ponto significativo que emerge dessa pergunta. Recentemente, um aluno meu iniciou uma pesquisa de Iniciação Científica que aborda precisamente essas nuances entre revisão e redação. Esta investigação pretende lançar luz sobre a natureza multifacetada dessas atividades e como elas são percebidas e executadas no mercado editorial.

Retomando a narrativa pessoal que mencionei anteriormente, uma das motivações que me levaram a estudar essas questões foi a percepção de que, no mercado, o termo *revisão de texto* frequentemente abrange atividades que vão muito além da mera correção linguística. Por exemplo, um revisor pode ser solicitado a produzir textos para catálogos devido ao seu profundo conhecimento dos livros. Esta situação revela uma ambiguidade nas expectativas e nas designações de tarefas.

No contexto empresarial, onde atuei prestando serviços editoriais, enfrentávamos o desafio de atender a demandas que muitas vezes não tinham uma nomenclatura bem definida. Os clientes solicitavam serviços para os quais não havia uma designação clara, o que dificultava a contratação e a definição de prazos e responsabilidades. Essa falta de clareza persiste até hoje, como evidenciado no *V Fórum Nacional de Revisão de Textos* (2022), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde essa discussão se fez relevante.

A principal questão que emerge é a falta de compreensão sobre o que constitui um texto e o que é necessário para que ele se torne uma versão pública. Esse entendimento insuficiente decorre de uma visão limitada do que é uma língua, que é o substrato essencial de qualquer texto. Quando realizamos um trabalho rigoroso de revisão ou redação, envolvemo-nos profundamente no modo de dizer do autor, o que requer uma relação de confiança mútua.

O mercado editorial frequentemente tem dificuldade em compreender e valorizar as várias etapas do trabalho com o texto, o que se reflete na designação imprecisa das funções. Um exemplo ilustrativo disso é o caso de um colega que foi contratado e registrado como *conferencista*, e isso, durante mais de uma década. Essa designação era usada para pagar salários abaixo do piso de revisores de texto, apesar de ter exercido funções e de ter assumido responsabilidades muito mais abrangentes.

As pesquisas de ponta no campo da revisão de textos hoje se concentram em entender porque essa profissão, historicamente tão longeva, permanece tão pouco compreendida e desvalorizada. Uma hipótese para essa desvalorização é a de que a exposição e o reconhecimento da existência desse processo de revisão e redação poderia dessacralizar o produto final, revelando que textos de autores, famosos ou não, não nascem prontos, mas resultam de um processo colaborativo envolvendo muitos atores e normas.

Ao expor o que se passa nos bastidores da produção textual, evidenciamos que muitas decisões são tomadas sob coerções externas, não necessariamente alinhadas aos desejos do autor. Este entendimento pode levar a uma apreciação mais crítica e informada do trabalho editorial. Tenho um texto que trata bem disso, escrito com o sociólogo José Muniz Jr., que circula bastante quando a discussão é essa, dos ritos genéticos editoriais: *Da interlocução editorial: a presença do outro na atividade dos profissionais do texto*. Nesse artigo explicitamos, assim como no livro, reflexões sobre a complexidade e os desafios inerentes às funções de revisão e redação no processo editorial, destacando a

importância de uma compreensão mais profunda e sistemática dessas atividades no campo da linguística aplicada à edição.

Interlíngua e autoria

Entrevistadores(as): No livro, a autora aborda o conceito de *interlíngua*. De que modo ele se aplica à prática editorial?

Luciana Salazar: A *interlíngua* é um conceito proposto por Dominique Maingueneau (2006), relacionado à ideia dos ritos genéticos editoriais. Este conceito facilita e operacionaliza a análise discursiva ao demonstrar como devemos olhar para a língua como uma entidade em constante movimento e transformação. Na prática, a *interlíngua* refere-se ao modo como a língua é mobilizada dentro de um dado gênero discursivo, sustentando um *ethos*, ou seja, uma marca autoral específica.

Maingueneau (2006) argumenta que a língua não é um elemento estático e fixo, guardado em algum lugar e pronto para ser usado. Pelo contrário, a língua é uma entidade viva, moldada por normas explícitas e tácitas que se desenvolvem através da interação contínua entre seus falantes. Esse conceito é complexo de explicar, especialmente porque o senso comum tende a ver a língua como algo dado e imutável, em vez de algo que é continuamente constituído por seus usos sociais.

O conceito de *interlíngua* nos lembra que uma língua está viva e em constante transformação. Esse conceito destaca que a língua se adapta não apenas aos contextos históricos e sociais, mas também às inovações tecnológicas e culturais. Por exemplo, a introdução de dispositivos como celulares transformou significativamente os modos de escrever, mesmo fora do contexto desses dispositivos. A emergência de novas estruturas, conjugações e vocabulários é um reflexo direto do uso desses dispositivos.

Maingueneau (2006) também discute a ideia de diferentes registros de língua, variando desde uma *hiperlíngua*, pública e formal, até uma *infralíngua*, íntima e doméstica. A *interlíngua* capta essas variações, mostrando como diferentes contextos e interações sociais influenciam a forma como a língua é usada. Além disso, o conceito de *interlíngua* inclui a ideia de plurilinguismo, que se refere à incorporação de elementos de outras línguas na língua de destino. No caso do português brasileiro, por exemplo, há uma alta receptividade a termos de outras línguas, que são adaptados e integrados ao uso cotidiano.

A interlíngua, portanto, serve como um lembrete de que a língua é uma construção contínua, autorizada e reautorizada pelos seus usos ao longo do tempo. Isso tem implicações significativas para a revisão de textos. Um bom revisor precisa ter essa sensibilidade linguística, compreendendo que não se pode aplicar um protocolo uniforme a todos os tipos de texto. Cada texto exige uma abordagem única que leva em consideração o seu gênero discursivo, o contexto de uso e os interlocutores envolvidos. A ideia de interlíngua enfatiza, portanto, o fato de que ninguém emprega uma língua em abstrato.

Entrevistadores(as): A autora destaca a importância da perspectiva discursiva para a área de revisão de textos, que normalmente é reduzida à mera correção linguística. Como a *Análise do Discurso*, sob a ótica dos ritos genéticos editoriais, contribui para a desmistificação dessa área?

Luciana Salazar: É importante ressaltar que o termo *texto* se refere aqui a arranjos de material verbal. Embora teorias semióticas comunicacionais possam expandir o conceito para incluir, por exemplo, uma dança, a base paradigmática ainda é um texto com material linguístico. Assim, mesmo quando se expande o conceito, a comparação é com o modo como a língua comunica.

As análises que apresento no livro baseiam-se nessa perspectiva discursiva, especialmente na *Análise do Discurso (AD)*, que surgiu no século 20. Embora alguns adeptos permaneçam presos aos paradigmas conceituais dos anos 1960 e 1970, a AD moderna considera a língua como um fenômeno dinâmico, afetado por mais do que apenas elementos linguísticos estritos.

No contexto editorial, essa perspectiva é vital. Por exemplo, um revisor experiente pode ter autoridade para fazer modificações que um novo profissional não teria. Isso evidencia como a experiência e a posição dentro do mercado influenciam o trabalho de revisão. A AD leva em conta essas dinâmicas, considerando como certas normas e protocolos editoriais afetam a revisão.

Um exemplo prático envolve o linguista Marcos Bagno, que critica revisores de textos por aplicar protocolos rígidos. No entanto, essas ações geralmente refletem as diretrizes da editora, não as preferências pessoais dos revisores. A perspectiva discursiva considera essas influências externas que moldam, que incidem sobre os usos da língua no contexto editorial.

Além disso, a AD ajuda a pensar nessas designações das funções exercidas nessa área mais adequadas nas diferentes etapas do processo editorial, o que pode impactar a remuneração e as condições de trabalho. Essa abordagem compreensiva também permite que se reconheça a importância dos processos de revisão na determinação de usos linguísticos que se tornam comuns em livros e jornais, influenciando assim os rumos da própria língua.

Entrevistadores(as): Este assunto é de grande importância na área de estudos linguísticos, na nossa formação na área. Também por isso agradecemos sua entrevista.

Luciana Salazar: Foi um prazer participar. Espero que esta entrevista contribua para uma melhor compreensão da importância e complexidade do trabalho de revisão e edição de textos.

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

SALGADO, Luciana Salazar. **Ritos genéticos do mercado editorial: autoria e práticas de textualização**. 305p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. 2007.

SALGADO, Luciana Salazar. **Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização**. Lisboa, Portugal: Editora Urutau, 2016.

SALGADO, Luciana Salazar. **Quem mexeu no meu texto?** - questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. 1. ed. Divinópolis: Artigo A, 2017.

SALGADO, Luciana Salazar; MUNIZ Jr., José. Da interlocução editorial: a presença do outro na atividade dos profissionais do texto. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, n.5, p. 87-102, 1º semestre 2011.

Como referenciar esta entrevista:

SALGADO, Luciana Salazar. Estudos linguísticos e suas contribuições para a área de revisão e edição de textos. [Entrevista concedida a] Emanuely Valentim de Camargo, Isabela Herrera Marques, Luzmara Curcino, Nicoli Ferrari Dias, Raul Yudi Mendes Yamada e Rodrigo Zanin. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 73-82, 2024.